

NOVOS TALENTOS
DO JAZZ



TEATRO MUNICIPAL DE MATOSINHOS CONSTANTINO NERY

29 MAIO · 2021 · 21:00

ORQUESTRA
JAZZ
MATOSINHOS
& OSCAR
LATORRE

Orquestra Jazz de Matosinhos & Òscar Latorre

Novos Talentos do Jazz

29 de Maio 2021

Teatro Municipal de Matosinhos Constantino Nery

Òscar Latorre, trompete

Carlos Azevedo, direcção musical

Houve um tempo em que os músicos portugueses aspirantes aos palcos do jazz e, principalmente, aos prazeres da improvisação, olhavam para a Catalunha como uma das mecas possíveis para se entrar de cabeça nesta música. Um breve olhar sobre a história ajuda a ilustrar essa fama: Barcelona tem um festival de jazz desde 1966, com mais de 50 edições, e ensina jazz desde o final dos anos 70. Mais importante, esta institucionalização da coisa serviu para alimentar uma intensa vida artística, com intercâmbios constantes entre músicos locais e internacionais e promovendo os cruzamentos com as músicas populares nativas. É verdade que do lado de cá não estivemos parados, mas o nosso *boom* foi mais recente. Curiosamente, Porto e Barcelona coincidiram no momento em que criaram os seus primeiros cursos superiores de jazz, no início deste século, e hoje é quase impossível dissociar o papel destas escolas da vida musical das duas cidades.

A Orquestra Jazz de Matosinhos, na sua senda para nos revelar os Novos Talentos do Jazz, cedo percebeu que não chega a limitação ao nosso rectângulo. Faz sentido pensar numa comunidade ibérica do jazz – sem esquecer que, às vezes, nem o alfa Porto-Lisboa parece funcionar como devia.

Nascido em Olesa de Montserrat, em 1995, o trompetista Òscar Latorre será um dos herdeiros deste longo percurso do jazz em Barcelona. Estudou na ESMUC (Escola Superior de Música da Catalunha), onde foi escolhido para integrar o projecto *Kehrwieder – Young European Jazz Lab 2015*, um quinteto que fez tournées por Alemanha, Holanda e Espanha. Diplomou-se em 2018, com *Mención de Honor*, como intérprete de Jazz e Música Moderna, estudando com o trompetista Matthew Simon. É nesse ano que se assume como líder

num primeiro álbum, *Textures* (Fresh Sound Records, 2018). Mas é no segundo disco que podemos ouvir os dois originais que hoje aqui se apresentam. *A Pathway to Become* (Seed-Music, 2020) é um resultado directo do percurso de Òscar como um dos músicos eleitos para o restrito programa *Focusyear 2019/2020* do JazzCampus de Basileia (Suíça). Aí passou um ano a trabalhar sob a orientação de músicos de renome como Jorge Rossy, Anat Cohen, Kurt Rosenwinkel, Guillermo Klein, Wolfgang Muthspiel, Jeff Ballard, Ingrid Jensen, Ralph Alessi, Django Bates e Stefon Harris. Aí prossegue os estudos, agora no Mestrado em Composição, com professores como Guillermo Klein, Ambrose Akinmusire e Mark Turner.

Rhine's Flow é o tema de abertura do disco *A Pathway to Become*, e a sua instrumentação esparsa – na versão original – não esconde a imensa riqueza rítmica do arranjo. É um tema com capacidade para impulsionar o solista constantemente, o que se tornará também claro no arranjo de Javi Pereiro para big band. Carácter bem diferente tem o outro original, *Delusion*, mais atmosférico e pictórico, em que a melodia domina o cenário – surpreendendo depois uma segunda secção mais rítmica e intensamente escrita, como já a adivinhar o arranjo de João Pedro Brandão que viria a nascer para esta noite.

Nestes concertos, o convidado pode montar um programa a partir do imenso repertório que a OJM tem na sua biblioteca de partituras, que vão ganhando novas vidas e celebram a inventividade dos seus criadores, representando uma responsabilidade para aqueles que assumem o desafio de as reinterpretar.

É especialmente relevante que um dos temas escolhidos por Òscar Latorre tenha sido criado para um outro programa Novos Talentos, de há cinco anos, quando o solista foi Mané Fernandes. Trata-se de um clássico de Wayne

Shorter incluído num dos três primeiros álbuns que gravou para a Blue Note, em 1964. O tema chama-se *Yes or No*, e o arranjo, do mesmo Mané Fernandes, tem a perspicácia de propor um novo balanço que, de alguma forma, sustém o *fast swing* do original numa medida que o leva para outros caminhos. Talvez se mantenha a ideia de Shorter: “A imagem que tinha em mente era a de alguém a divertir-se muito, a parar em todos os bares da cidade, como se tivesse uma lista na mão... Em alguns momentos, interpus na harmonia algo que soa como uma progressão de trás para a frente. Fi-lo para fugir às harmonias tradicionais do blues, mas também para imaginar um homem, ligeiramente embriagado, que tenta avançar mas em vez disso recua.”

A década de 60 é realmente impressionante na discografia do jazz: era dourada em que o espírito moderno se vivia a cada edição discográfica de um Coltrane, um Art Blakey, um Miles Davis, um Sonny Rollins ou um Ornette Coleman, mas os *tops* de vendas ainda eram dominados pelos “antigos modernos”, como Duke Ellington, Count Basie ou Louis Armstrong. Em 1967, o Grammy para a melhor composição de jazz vai precisamente para Ellington, que ultrapassa Bob Brookmeyer, nomeado no mesmo ano como autor de *ABC Blues* da estreada Thad Jones/Mel Lewis Jazz Orchestra. (Para sermos justos com o público da época, convém dizer que os Grammys não primavam pela aposta em perigosos revolucionários: *Revolver* dos Beatles perdeu o prémio de melhor álbum do ano para um disco retrospectivo de Frank Sinatra...) Brookmeyer era trombonista da orquestra que ainda hoje é residente no nova-iorquino Village Vanguard, agora sob o nome Vanguard Jazz Orchestra, e que foi crucial na passagem das big bands para a era moderna. *ABC Blues* é um tema vanguardista que aproxima o jazz de alguns

recursos da música dodecafónica, no que respeita à criação de melodias e acordes, um universo então pouco explorado no jazz – quanto ao ritmo, o poderoso *swing* da orquestra dá-nos todo o chão de que precisamos. Da mesma orquestra, mas com a assinatura de Thad Jones, provém outro tema escolhido para esta noite: *Cherry Juice* (1976) mostra bem a força das harmonias densas quando tratadas com a mestria de um grande arranjador. Por mais complexidade que nos seja apresentada, não podemos senão ser agarrados por esta música. *Cherry Juice* ficou também conhecido como “unsafe at any tempo”... Não será, portanto, para todos, mas mostra porque é que a orquestra de Thad Jones e Mel Lewis é tão inspiradora para qualquer big band contemporânea.

Maria Schneider é um bom exemplo desse sentimento de herança espiritual: Bob Brookmeyer foi um dos seus mentores, a par de Gil Evans. *Hang Gliding*, um tema editado em 2000, sugere as sensações de uma viagem em asa-delta no Rio de Janeiro. Já a música de outro grande instrumentista/compositor americano, o pianista Fred Hersch, está menos presente em contexto de grande ensemble mas chegou à OJM num projecto especial com o próprio como solista e novos arranjos, neste caso de Pedro Guedes.

Este concerto não esquece algumas das origens um pouco mais recuadas, que nos chegam através de um standard de Billy Eckstine, cantor e trompetista que liderou uma famosa orquestra dos anos 40. Cabe lembrar que foi nessa banda que brilharam estrelas do futuro como Parker, Gillespie e Miles, o que nos é de feição para fechar o círculo e mostrar que o jazz não tem de seguir uma linha do tempo previsível.

Fernando Pires de Lima

Errata: No concerto, o tema *Hang Gliding* de Maria Schneider não foi tocado e em vez de *Cherry Juice* foi interpretado *3 and 1*, também de Thad Jones